

O BOM COMBATE DE PAULO: uma leitura da cegueira espiritual na sociedade contemporânea

PAUL'S GOOD FIGHT: a reading of spiritual blindness in contemporary society

EL BUEN COMBATE DE PAULO: una lectura de la ceguera espiritual en la sociedad contemporánea

Márcio de Oliveira Monteiro

Mestre em Educação, pela Universidad Autónoma de Asunción (UAA), especialista em Supervisão Escolar (UNIVERSO), Administração Escolar (UCAM) e História do Brasil (FIPH), e-mail: diretoreap@yahoo.com.br.

Resumo: Em meio a um cenário sociocultural conturbado em que o errado parece estar assumindo o papel de certo a cada dia, invertendo valores e colocando em xeque a ação do homem de bem no planeta Terra, necessário se torna refletir sobre a cegueira espiritual presente nas ações do homem contemporâneo, apresentando Saulo de Tarso como grande protagonista e modelo da transformação esperada. Nesse intuito, este trabalho objetiva refletir sobre a força presente no exemplo deste homem perseguidor dos cristãos e que em se deparando com a Verdade, se transforma por inteiro deixando à margem o homem velho nele existente. Trata-se, portanto, de um chamado ao encontro do homem novo potencializado em cada ser humano, mesmo cristão, preso às amarras exteriores do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: cristão, teologia, homem.

Abstract: In the midst of a troubled socio-cultural scenario where wrong seems to be taking on the role of right every day, reversing values and challenging the action of the good man on planet Earth, it becomes necessary to reflect on the spiritual blindness present in the actions of contemporary man, presenting Saul of Tarsus as a great protagonist and model of the expected transformation. In this sense, this work aims at reflecting on the force present in the example of this persecutor of the Christians and that in facing the Truth, it transforms completely leaving the old man in it. It is, therefore, a call to meet the new man empowered in every human being, even a Christian, bound to the outer chains of the contemporary world.

Keywords: christian, theology, man.

Resumen: En medio de un escenario sociocultural conturbado en que el mal parece estar asumiendo el papel de cierto cada día, invirtiendo valores y poniendo en jaque la acción del hombre de bien en el planeta Tierra, necesario se vuelve reflexionar sobre la ceguera espiritual presente en las acciones del hombre contemporáneo, presentando a Saulo de Tarso como gran protagonista y modelo de la transformación esperada. En este sentido, este trabajo tiene por

objeto reflexionar sobre la fuerza presente en el ejemplo de este hombre perseguidor de los cristianos y que en la confrontación con la Verdad, se transforma por entero dejando al margen al hombre viejo en él existente. Se trata, por tanto, de un llamado al encuentro del hombre nuevo potenciado en cada ser humano, incluso cristiano, preso a las amarras exteriores del mundo contemporáneo.

Palabras-clave: cristiano, teología, hombre.

Introdução

Determinado o objeto deste artigo científico como O BOM COMBATE DE PAULO: uma leitura da cegueira espiritual na sociedade contemporânea com ênfase na discussão dos aspectos resultantes do processo de ação e reação que se constroi no universo de relação sociocultural, quase sempre resultante de uma relação conflituosa desgastada pelas crises de espiritualidade que envolve e predomina na sociedade contemporânea.

Culturalmente consagra a sociedade contemporânea o pensamento “facetado” de Descartes e os estímulos negativos, alucinatórios e desconexos do pensamento humano coletivo ganham força na produção da cegueira dos fatores de perturbação desencadeadores da alienação do Ser.

Ao mesmo tempo constata-se um universo humano no qual o pensamento metamorfósico dá lugar ao vazio da alma compilada no agir individualizado, inerte e vazia de “vida”, descogitada de toda e qualquer possibilidade de construir e desconstruir-se no âmbito sociocultural macro.

Diante dessa realidade procurar-se-á respostas à proposição, a saber: de que forma a História de Paulo de Tarso e seu “bom combate” se relaciona à leitura da cegueira espiritual na sociedade contemporânea em meio a um cenário marcado por tantos estímulos e influências internas e externas capazes de levar o cidadão comum a compreender o real sentido da vida?

Enquanto objetivo geral busca-se compreender como o exemplo de Paulo de Tarso, por meio do bom combate, se relaciona à leitura da cegueira na sociedade contemporânea em meio a um cenário marcado por tantas influências, internas e externas, capazes de levar o cidadão comum a compreender o real sentido da vida.

De modo específico, procurar-se-á apresentar a personalidade marcante de Paulo de Tarso em meio a um contexto religioso histórico; entender o

episódio da cegueira de Paulo de Tarso e discutir a cegueira da sociedade contemporânea em meio a um cenário marcado por tantos estímulos e influências internas e externas capazes de levar o cidadão comum a compreender o real sentido da vida.

Se a cegueira do homem no passado configurou-se pela manifestação religiosa com base na obediência estatal. O que pensar da sociedade contemporânea em que o estado se aproveita da cegueira da sociedade organizada para conduzir a “boiada” em direção a cancela que repudia a metamorfose e a criticidade em nome de um protagonismo materializado pelo Ter, que facilita a morte?

Metodologicamente, esse artigo científico tem caráter qualitativo de cunho bibliográfico. Como pressupostos teóricos o estudo encontra apoio nas obras de Xavier (2017), Pires (2006), Franco (1990) e Cury (2005).

Oportunamente, esse artigo tem a pretensão de criar novas reflexões e pensares acerca da cegueira enquanto movimento de transformação, análogo a mudança manifesta por Paulo de Tarso, provocando o entendimento, ainda, de que viver o contemporâneo exige coragem para romper com paradigmas doutrinários vigentes e alucinatório, destruidores de um olhar humanístico pelo homem em relação ao outro em meio a tantas divergências e diferenças.

1 A personalidade de Saulo de Tarso em meio a um contexto religioso histórico

Saulo reconhecido como Apóstolo dos Gentios [povo pagão], nasceu na cidade de Tarso, de onde se origina o nome Saulo de Tarso, uma cidade cosmopolita sob o império romano. Sua cidade de nascimento tem como capital a Cecília do séc. I. Fez parte de uma família judaica da tribo de Benjamin, sendo considerado cidadão romano. Por movimentos religiosos, Saulo adotou o farisaísmo, movimento religioso do judaísmo que defendia e aspirava um rigor e uma exigência singular acerca do cumprimento da liturgia difundida, construída em bases extremistas, pautada na intransigência quando o assunto era conduzido para a possibilidade do desregramento a Lei.

Asseguro-vos, irmãos, que o Evangelho pregado por mim não tem nada de humano. Não o recebi nem o aprendi de homem algum, mas mediante uma revelação de Jesus Cristo. Certamente ouvistes falar de como outrora eu vivia no judaísmo: com que excesso perseguia a Igreja de Deus e a assolava, avantajava-me no judaísmo a muitos dos meus companheiros de idade e nação, extremamente zelosos das tradições e meus pais (NOVO TESTAMENTO, 1975, p. 350).

Tecelão de ofício, Saulo era Membro do Sinédrio na cidade de Jerusalém ocupando posição de grande prestígio. Homem de notável inteligência falava fluentemente o grego, o latim e o hebraico dotado de uma verbalização e oratória invejáveis. Saulo, como se percebe consiste em um homem com um diferencial muito singular em relação aos demais homens de sua época.

Saulo foi enviado para Jerusalém ainda adolescente [13 - 14 anos] com o objetivo de educar-se com o rabino Gamaliel. Com o passar dos anos ficou noivo de Abigail, com quem pretendia matrimônio. Abigail tornara-se seguidora fiel do Cristo e por ver sua escolhida seguidora das verdades cristãs passa a atribuir seus insucessos de mocidade àquele Rabi nazareno. “Odiá-lo-ia enquanto vivesse. Não sendo possível encontrá-lo para uma vingança direta, persegui-lo-ia na pessoa dos seus caudatários, através de todos os caminhos.” (XAVIER, 2017, p. 156). Era a brasa ardente em ação cega e de revolta contra o Cristo que ele só o conhecia de falar.

Como traço de personalidade, Saulo era um homem doutrinado para desenvolver uma concepção de serviço a Deus sob o qual não admitia concessões a si mesmo, inflexível no cumprimento das suas obrigações que considerava sagradas, tamanho o grau de seu radicalismo. Tratava-se de um homem marcado pelo orgulho e vaidade, sob a qual depositava o poder da posição social que ocupava como sacerdote da lei e, sobretudo, das tradições familiares, dos cultos externos. Estudioso e bom articulista, Saulo era um orador por natureza e dono de um raciocínio claro, consistente e denso em conteúdo.

Apropriando-se de um adágio contemporâneo, Saulo podia ser considerado como um ser respeitado e venerado por todos e invejado por muitos.

2 A conversão de Saulo de Tarso ao Cristianismo o surgimento de Paulo

O Cristo já havia sido crucificado e seus seguidores se incumbiam de palestrar as verdades cristãs em meio a um cenário político-religioso blindado pela opressão e punição direta.

No capítulo X, da obra Paulo e Estevão, fica clara a posição reflexiva na qual se encontrava imerso Saulo. Relembrando a amada Abigail, desencarnada devido enfermidades contraídas na lida cristã com os menos favorecidos, removia o passado na busca de respostas para a morte de Estevão e o radicalismo adotado com Abigail, porém o sentimento de vingança o corroía de forma obsessiva e profundamente a alma a despeito do Nazareno.

Agora que se encontrava só, inteiramente liberto de preocupações particulares, de natureza afetiva, buscava concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei. Julgando-se prejudicado pela difusão do Evangelho, renovaria os processos da perseguição infamante. Sem outras esperanças, sem novos ideais, já que lhe faltavam os fundamentos para constituir um lar, entregar-se-ia de corpo e alma à defesa da Lei de Moisés, preservando a fé e a tranquilidade dos compatriotas. (XAVIER, 2017, p. 170)

Ciente de que Ananias fora o grande incentivador de Abigail ao conhecimento das verdades do Cristo, Saulo de Tarso em nome e em defesa da Lei de Moisés. Inquirindo Matatias Johanan, sob tortura, no salão dos castigos onde se alinhavam os instrumentos odiosos e execráveis das perseguições político-religiosas, que envenenavam Jerusalém nos embates da época (XAVIER, 2017), Saulo, fica sabendo o paradeiro de Ananias e, sob o aval do sinédrio ganha autonomia para agir na cidade vizinha de Damasco na companhia de Jacob e Demétrio.

Na estrada de Damasco em busca de Ananias,

Devia ser meio-dia. Muito distante ainda, a paisagem de Damasco apresentava os seus contornos: pomares espessos, cúpulas cinzentas que se esboçavam ao longe. Bem montado, evidenciando o aprumo de um homem habituado aos prazeres do esporte, Saulo ia à frente, em atitude dominadora. Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sente-se envolvido por luzes diferentes da tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende

como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar -se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, apesar da possibilidade de suplicar o auxílio.

—Jacob!... Demétrio!... Socorram-me!... — grita desesperadamente.

Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilíbrio e tomba do animal, ao desamparo, sobre a areia ardente. A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho, que a atmosfera rasgada lhe desvenda, vê surgir a figura de um homem de majestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros, à nazarena, os olhos magnéticos, imanados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava uma divina tristeza.

O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo, e foi quando, numa inflexão de voz inesquecível, o desconhecido se fez ouvir:

—Saulo!... Saulo!... por que me persegues?

(XAVIER, 2017, p. 177-178).

Genuflexo, o homem perseguidor, em nome da Lei de Moisés, vê-se arrebatado por grande emoção e diante da resplandecência da luz, debruça-se em singular interrogatório como quem busca, sob a curvatura do joelho, explicação para algo que desconhece o sentido e natureza (XAVIER, 2017, p. 178).

— Quem sois vós, Senhor?

Aureolado de uma luz balsâmica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu:

— Eu sou Jesus!...

Então, viu-se o orgulhoso e inflexível doutor da Lei curvar-se para o solo, em pranto convulsivo. Dir-se-ia que o apaixonado rabino de Jerusalém fora ferido de morte, experimentando num momento a derrocada de todos os princípios que lhe conformaram o espírito e o nortearam, até então, na vida.

Diante dos olhos tinha, agora, e assim, aquele Cristo magnânimo e incompreendido!

Foi já a partir deste instante que o perseguidor irrefutável do Cristianismo vai ter, agora cego, suas primeiras reflexões íntimas sobre o Cristo a quem desconhecia e perseguia. O Cristo o havia chamado por todos os meios e de todos os modos, mas ele não o havia escutado. O contato com Ananias dá-se sem que o algoz pudesse consumir o desejo mortal.

No terceiro dia de preces fervorosas, eis que o hoteleiro anuncia alguém que o procura. Seria Sadoc? Saulo tem sede de uma voz carinhosa e amiga.

Manda entrar. Um velhinho de semblante calmo e afetuoso ali está, sem que o convertido possa ver-lhe as câs respeitáveis e o sorriso generoso.

O mutismo do visitante indiciava o desconhecido.

—Quem sois? — pergunta o cego admirado.

—Irmão Saulo — replica o interpelado com doçura —, o Senhor, que te apareceu no caminho, enviou-me a esta casa para que tornes a ver e recebas a iluminação do Espírito Santo.

Ouvindo-o, o moço de Tarso tateou ansiosamente nas sombras. Quem seria aquele homem que sabia os feitos lá da estrada! Algum conhecido de Jacob? Mas... aquela inflexão de voz enternecida e carinhosa?

—Vosso nome? — perguntou quase aterrado.

—Ananias.

A resposta era uma revelação. A ovelha perseguida vinha buscar o lobo voraz. Saulo compreendeu a lição que o Cristo lhe ministrava. A presença de Ananias revoca-lhe à memória os apelos mais sagrados (XAVIER, 2017, p. 191).

“Transformado em rude operário” (2017, p. 277) Saulo inicia com Barnabé, pregador de destaque do Evangelho, um extenso “estágio” de acompanhamento e observação. Em Nea-Pafos, Saulo terá, então, a primeira igreja na qual seus préstimos evangélicos serão utilizados em nome do Cristo.

— Saulo, quando Ananias te batizou não chegou a sugerir a mudança do teu nome?

— Não me lembrei disso.

—Pois suponho que, doravante, deves considerar tua vida como nova. Foste iluminado pela graça do Mestre, tiveste o teu Pentecostes, foste sagrado Apóstolo para os labores divinos da redenção.

O ex-doutor da Lei não dissimulou a própria admiração e concluiu:

—É muito significativo para mim que um chefe político seja atraído para Jesus, por nosso intermédio, mesmo porque, nossa tarefa conclama os gentios ao Sol divino do Evangelho de salvação.

Intimamente, recordou os laços sublimes que o ligavam à memória de Estevão, a generosa influência do patrício romano que o libertara dos trabalhos duros da escravidão e, invocando a memória do mártir, num apelo silencioso, falou comovido:

—Sei, Barnabé, que muitos dos nossos companheiros trocaram de nome quando se converteram ao amor de Jesus; quiseram assinalar desse modo sua separação dos enganos fatais do mundo. Não quis valer-me do recurso, de

qualquer modo. Mas a transformação do governador, a luz da graça que nos acompanhou no curso dos acontecimentos de hoje, levam-me, igualmente, a procurar um motivo de perenes lembranças.

Depois de longa pausa, dando a entender quanto refletira para tomar aquela resolução, falou:

—Razões íntimas, absolutamente respeitáveis, obrigam-me a reconhecer, doravante, um benfeitor no chefe político desta ilha. Sem trocar formalmente meu nome passarei a assinar-me à romana.

—Muito bem — respondeu o companheiro —, entre Saulo e Paulo nenhuma diferença existe, a não ser a do hábito de grafia ou de pronúncia. A decisão será uma formosa homenagem ao nosso primeiro triunfo missionário junto dos gentios, ao mesmo tempo que constituirá agradável lembrança de um espírito tão generoso (XAVIER, 2017, p. 302-303).

Portanto, o agora Paulo de Tarso convertido, deixa clara a sua condição de seguidor do Cristo e de modo imperativo, o papel a ser adotado no contexto de divulgação dos ensinamentos do Mestre de Nazaré, agora adorado, na figura de um novo homem desprovido do homem velho que perdurou na ignorância espiritual durante largos anos de sua vida.

3 A Cegueira Espiritual

O tema provocativo elucida a figura emblemática de Paulo de Tarso, após sua conversão e abre espaço para uma importante discussão doutrinário-científica de cunho socioantropológico e psicológico entorno do homem metamorfose e sua capacidade de transformação e mudança sistêmica em relação ao seu pensamento, depois de trabalhada a cegueira imperativa existente em seu ego (Eu).

Trata-se, assim, de iniciar um pensar sobre “o bom combate” apresentado por Paulo de Tarso, em o Livro II de Timóteo 4:7, quando convicto do tempo próximo do seu desencarne e reflexivo quanto aos seus feitos e o muito, ainda, necessário a ser realizado, confessa: *Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.*

Longe de se tratar de uma aliança com o ócio, Paulo revela uma sensibilidade para a historicidade que se confunde com o tempo passado, presente, e futuro, dos Cristãos, onde preconiza e realça a importância e a

necessidade da verdadeira atitude cristã sob a qual do seu primeiro ao seu último dia no corpo carnal deve-se preparar para COMBATER O BOM COMBATE.

Muito embora a crença do ócio eterno se vitalize em conformidade a uma dinâmica inatista de inércia pelos oportunistas religiosos, comparando a vida a um destino sagaz, o dinamismo humano suscita algo que se contrapõe a esta hipótese. Afinal: é fácil carregar Jesus no peito. Difícil é colocar o peito a serviço de Jesus, como Paulo o fez.

O que se percebe, inexoravelmente, é uma ação humana primária de buscar fechar os olhos para as coisas de Deus, ignorando a necessidade do combate íntimo, tratando as dificuldades como meros acontecimentos e acidentes divinos, determinista e desprovido do controle da ação humana, sob a qual se busca fugir da real responsabilidade de seres atuantes no processo de melhora e progresso planetário. Vale lembrar que este comportamento já foi experimentado, por nós mesmos, em tempos passados quando os combates se valiam da aceitação pacífica e da acomodação repressiva.

Ao cristão não lhe cabe mais imaginar escondendo-se na ideia de que algo só será possível realizar quando talentos especiais lhe forem agregados. Os defeitos estão à amostra colocando toda sociedade cristã a prova, diariamente. Contudo, o fato é que a sociedade tem se acovardado em nome de uma cobrança meramente social, qual larva que se esconde no casulo aguardando a temporada favorável ao nascimento, reforçando a cegueira espiritual na qual a humanidade se encontra envolvida.

Desperta irmão! Os tempos são chegados. A terra está arada.

É chegado o momento em que se faz necessário provocar o bom combate, despertando do processo de hibernagem voluptuosa que há séculos afasta o verdadeiro cristão da Verdade em virtude da instabilidade de caráter. Instabilidade esta que se funda no ditame emocional do ser humano e que consiste, especificamente, na instabilidade do próprio EU, da sua *persona*, perdida em meio a um conjunto de “notórios” de cunho material e imediatista.

Não é necessário esperar ter *olhos de nince* para enxergar o que consiste no mero “olhos de ver” evangélico e perceber o quanto a sociedade tem marcado passos quando o assunto diz respeito ao pensamento dicotômico do

servir a dois deuses Capítulo XVI de O Evangelho Segundo o Espiritismo: Deus e a Mammon (2006).

Paradoxalmente a sociedade vem abraçando os calabouços das múltiplas memórias inconscientes e, sem vasculhar os “eus” espirituais acaba por se acerrar de desculpismos primários no afã de mascarar as imperfeições morais existentes e que acabam por credenciar as atitudes ignorantes dos seres credenciados modernos em tempos contemporâneos.

Falta a nós, coragem para travarmos o nosso maior combate. Um combate que não se trava em despreparo, na se trava em desarmonia, afinal este combate se faz do Eu consigo mesmo. Enfim, conclama a sociedade, absorvida pela cegueira espiritual, de espiritualidade sem, para tanto, compreender seu conceito em essência.

Na obra de Herculano Pires - O Evangelho Segundo o Espiritismo (2006) presente está o alerta, ao mesmo tempo o chamamento, para a possibilidade ímpar de releitura dos atos manifestos em sociedade pela pessoa humana, tendo por ponto nevrálgico a necessidade de se espelhar na célebre frase encontrada no importante Templo de Delfos dedicado ao deus Apolo, na Grécia, e eternizada por Sócrates, conduzindo a humanidade cega à reflexão salutar e comedida de profusão em essência por meio do: “Conhece-te a ti mesmo” no sentido de travar o bom combate, na busca incessante de empreender novos passos em busca de Deus.

Quando Paulo se permite ser tocado pelo Cristo nota-se uma entrega real e um encontro de almas. Analogicamente e, respeitadas as diferenças, o que se procura e tenta retratar, consiste na histeria declinada a partir deste encontro com a luz pela pessoa humana e o estímulo provocado a partir da cegueira em relação a autoavaliação e proatividade.

É muito importante que se creia no fato de que Mammon (2006) nunca esteve tão ligado ao cotidiano humano como na modernidade tecnológica contemporânea e tão facilmente ligado à humanidade alienada e afastada dos ensinamentos do Cristo. Mas, afinal, por que a pessoa humana tem tanta dificuldade para iniciar o combate paulino?

Talvez por conta de cinco características, dentre tantas, que acabam por favorecer este afastamento impedindo o discernimento crítico. Todavia estas cinco características estão longe de serem as absolutas e, quiçá, ocuparem

uma ordenação digna de assertiva em virtude do quão multifacetado se encontra o ser humano. Vejamo-nas:

- 1-Distanciamento e descumprimento das Leis Morais (Leis de Deus);
- 2-Apego aos bens materiais (Materialismo);
- 3-Adormecimento espiritual (letargia humana);
- 4-Estado esquizofrênico e as cobranças sociais (modismo);
- 5-Falta de vontade de iniciar o bom combate (fé no futuro).

Grandes filósofos, repentistas, pesquisadores de áreas diversas e escritores buscaram explicar e exemplificar os acontecimentos humanos por meio de escritos e fontes da Literatura. Dentre os muitos escritos existentes, necessário parece ser elencar o poema “O Bicho”, de autoria de Manoel Bandeira, haja vista permitir uma analogia bastante apropriada e elucidativa para o instante filosófico criado. Constata-se no texto histórico a análise completa deste Ser antropológico imerso no cotidiano humano, onde “criador” e criatura, ao mesmo tempo, se confundem numa amistosidade ímpar capaz de quantificar o materialismo presente no bicho homem e que preconiza, por si mesmo, o distanciamento do outro homem, tonificando o célebre adágio de que: o “homem é o lobo do homem.” Eternizado pelo Inglês Thomas Hobbes (1588 – 1679).

Apropriando-se de Bandeira, eis que o poema se propõe a descortinar:

“O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem” (Rio, 25-2-1947).

3.1 A observância das Leis Morais e a Cegueira Espiritual

Com vistas à formação macro de entendimento e compreensão sobre a importância das Leis Morais para a vida espiritual, talvez seja necessário um

melhor entendimento sobre os estímulos e as múltiplas experiências atreladas aos fatores de perturbação definidos por Franco (1990) como sendo: a rotina, a ansiedade, o medo, a solidão e a liberdade.

O mundo contemporâneo em torno da espécie humana vem se avolumando, quantitativamente, em bases frágeis em cuja atmosfera egocêntrica, a torna afastada, a cada dia mais, do compromisso e comprometimento com a prática e vivência das Leis Morais (2010):

Lei de Adoração
Lei do Trabalho
Lei de Reprodução
Lei de Conservação
Lei de Destruição
Lei de Sociedade
Lei de Progresso
Lei de Igualdade
Lei de Liberdade
Lei de Justiça, Amor e Caridade.

Listadas elas inspiram um pensar e um agir tonificado pela harmonia, pela humildade, pela caridade e, sobretudo e de modo resumido, pelo amor. O apego descabido aos bens materiais encontra-se brilhantemente desenvolvido no capítulo XVI da obra básica O Evangelho Segundo o Espiritismo, Servir a Deus e a Mamom.

Afinal, de modo breve e bastante sucinto, as Leis Morais são um conjunto de princípios ou regras relativas à conduta humana, a partir de Leis regidas por Deus. Assim, a Lei de Adoração, mostra o sentimento inato de que todos os viventes possuem da divindade, sendo oportuno afirmar-se que uma vez embalada por esta certeza o ser humano permite reabrir os canais santificadores de ligação com o plano espiritual e Deus; na Lei do Trabalho fica certo o entendimento de que é necessário a ocupação das mãos para que a mente vazia e infrutífera não se debande e dê acesso a construções mentais pobres de vida e cristandade. Todavia, não se deve confundir trabalho com emprego. Alguns trabalham e não têm emprego; outros têm emprego e não trabalham. A Lei de Reprodução fundamenta a razão dos enlances carnaís que não se vulgariza pelo ato instintivo apenas do coito carnal, mas de todo o compromisso afetivo, emocional circundante presente na reprodução humana,

há muito banalizada e erotizada pelos seres modernos em território contemporâneo, causando desvios morais profundos para a existência.

Constata-se, facilmente, na Lei de Conservação de que todo ser vivo tem a percepção da necessidade de progredir e aperfeiçoar-se. Uma vez excluída esta certeza, viver e morrer torna-se uma questão descabida para o ser humano. Antagonicamente, a Lei de Destruição, identifica a certeza, pautada no pensamento de Lavoisier de que “na natureza nada se cria[...], tudo se transforma”. Deste modo, reforça a tese paulina de que o homem é um Ser em construção, passível de mudança e de que o homem-velho pode ser destruído em nome do “nascimento” de um novo homem.

A sociedade é um espaço coletivo e esta deve ser sua característica macro. Por isto, a Lei de Sociedade, solidifica o entendimento de que em um espaço de natureza coletivo, os mais fortes devem ajudar os mais fracos; os mais inteligentes, os menos e assim sucessivamente. Não mais o Eu, mas o Nós! Até, porque a Lei de Progresso, retrata uma inexorabilidade: a de que quer esteja-se encarnado ou desencarnado, todos estamos sujeitos à lei do progresso, que se configura a máxima presente na Lei de Igualdade, sob a qual encerra e preconiza-se o entendimento de que a desigualdade se refere apenas aparente ao mérito e que tem por característica a temporalidade em virtude do esforço de que cada qual faz por merecer, muito embora seja uma máxima comum. Afinal, todos somos iguais perante a Deus.

A Lei de Liberdade vem sendo alterada em virtude dos apelos mundanos. Não se confunda a Lei com a ideia de libertinagem. Todavia, há no seu contexto real a máxima de que “conhecereis a verdade e ela vos libertará”, em plena conjunção com as demais Leis. A leitura que a sociedade vem fazendo a respeito desta Lei não condiz com sua natureza divina, que não é libertina. Dessa forma, quanto maior for a obediência à Lei de Deus, maior a liberdade dos seres humanos.

Por fim, constata-se na Lei de Justiça, Amor e Caridade, o resumo simbólico de todas as demais. Afinal, sem JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE, todas as demais Leis serveriam apenas, como códigos isolados e sem conectividade, o que não tem fundamento holístico.

Posto isto, o adormecimento espiritual, ao qual se caracteriza pela cegueira moral, sugere uma leitura prévia delineada por meio da Parábola: “Os

Trabalhadores da Última Hora” (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 1 a 16 – O Evangelho Segundo o Espiritismo – capítulo XX), assim transcrita:

O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalariar trabalhadores para a sua vinha. - Tendo convencido com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. - Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, - disse-lhes: Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável. Eles foram. - Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. - Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: Por que permaneceis aí o dia inteiro sem trabalhar? - É, disseram eles, que ninguém nos assalariou. Ele então lhes disse: Ide vós também para a minha vinha.

Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros. - Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. - Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. - Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, - dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor.

Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. - Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom?

Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

O cenário aberto para discussão proporciona analisar a questão geradora de todo este investimento intelectual, neste artigo, uma vez que o bom combate paulino trás a tona o pensar filosófico, sociológico, psicológico, antropológico, humanístico e moral que recai sobre o homem acomodado no seu mundinho e que vem se perdendo ao preocupar-se em demasia com o outro, com as ofertas mundanas, com as produções externas, com as ofertas que a “porta larga” vem oferecendo ao homem, a cada dia mais distante da sua espiritualidade.

Para tanto, é preciso abandonar o homem velho, extirpado por Paulo na estrada de Damasco e simplificado ao dizer que já não seria mais ele quem

vivia, mas o Cristo, numa clássica demonstração de libertação do homem velho, cheio de mazelas e vícios morais.

Cury (2005) promove um pensar sobre o estado esquizofrênico, vivido pelo homem que paga um alto preço por viver fora do modelo social e que fora do paradigma existente sucumbe o ardor das flagelações e cobranças impostas pela sociedade. Por não se calçar em solo fértil se esvai qual areia que escorre entre os dedos. Franco (1990) aborda de maneira enfática a temática, chamando a atenção para os problemas diretamente ligados a constituição e formação da humanidade tecnológica e moderna presente no mundo contemporâneo.

Sendo assim, se ainda falta à humanidade travar e vencer o “bom combate” é porque esta se tem distanciado da vontade, permanecendo presa ao simples desejo que, por si só, não transforma o casulo do homem velho no qual se está inserido, na borboleta ferosa e deslumbrante que com esforço se liberta em nome da grandiosidade da vida.

À humanidade cabe travar o bom combate paulino com vistas a libertar-se da cegueira espiritual, na qual se encontra imersa, o quanto antes se não desejar provocar a extinção do “bicho homem”, humanizado e espiritualizado que ainda resta, promovendo a sua reconquista territorial e a transformação do mundo para melhor.

Considerações finais

Entender o mecanismo da cegueira humana manifesta e presente em função dos múltiplos convites e apelos do mundo em simbiose com o homem velho que reside em cada um do ser humano que habita o planeta Terra é buscar compreender o antídoto ao mal instaurado, na ação de Saulo de Tarso ao renunciar-se enquanto homem velho, descobrindo sua potencialidade para o bem, trazendo a tona o homem novo possível, presente em nosso ser mais profundo.

O contato com o Nazareno não o santifica, mas resgata suas certezas cristãs já impregnadas em seu íntimo, possibilitando seu posicionamento frango e real sobre a decisão de doar-se a causa cristã. O protagonista Saulo de Tarso e, por fim, Paulo de Tarso não abre mão apenas de um nome, mas,

sobretudo, de suas convicções e certezas em troca, não substituição apenas, por verdades de consistência absoluta permitindo o nascimento de um novo homem em detrimento ao homem velho que o fazia, por ignorância, desejar a extinção dos cristãos.

Assim, constata-se o quanto o homem contemporâneo vem sofrendo e se permitindo sofrer a partir do acolhimento das influências exteriores que marcam o modismo social do homem de se permitiu avançar os satélites e planetas, mas que tem dificuldade para implodir o homem velho que o habita, dando espaço ao homem de bem tão necessário a reforma interior do planeta Terra.

Referências

CURY, Augusto. **O futuro da humanidade: a saga de Marco Pólo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

FRANCO, Divaldo P. **O Homem Integral [ditado] pelo Espírito Joana de Angelis**: Salvador (BA): Livr. Espírita Alvorada, 1990.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi, **Leis Morais**: 2010. Disponível em: <http://www.ceismael.com.br/artigo/artigo104.htm>. Acesso em 01 nov. 2018.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**: contendo a explicação das máximas de Jesus Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações da vida. Trad. J. Herculano Pires, 62. ed. São Paulo – LAKE, 2006.

NOVO TESTAMENTO. 19. ed. São Paulo: Ave Maria LTDA, 1975.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Bs5XgG4ahKXDj87RT-x37gCA9J3dPcAC/view>. Acesso em 01 nov. 2018.

SCHUTEL, Caibar. **Vida e Atos dos Apóstolos – crônica**. São Paulo: o clarim, 1987.

XAVIER, Francisco Cândido. **A Caminho da Luz. Pelo Espírito Emmanuel**. 37. ed. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

XAVIER, Francisco Cândido. **Paulo e Estevão**: episódios históricos do Cristianismo primitivo. Romance/ pelo Espírito Emmanuel; [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. 45. ed. 11. Imp. Brasília: FEB, 2017.